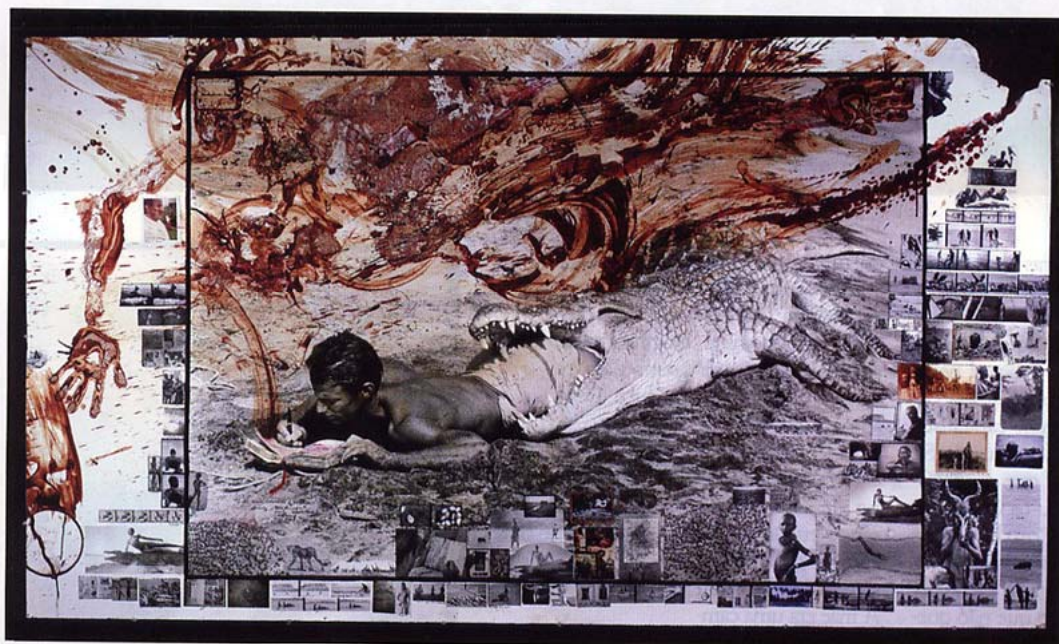


MR. BEARD, PRESUMIMOS

ESTE É PETER BEARD, O DIARISTA COMPULSIVO, O FOTÓGRAFO QUE TROUXE AS MULHERES MASSAI PARA AS PÁGINAS DA *VOGUE*, O COLECCIONADOR DE ELEFANTES DESOSSADOS QUE APAIXONARAM FRANCIS BACON, O HERDEIRO SENTIMENTAL DE KAREN BLIXEN. O HOMEM DE QUEM RICHARD AVEDON TERÁ DITO, DIANTE DOS SEUS RETRATOS, "THAT'S A CHICK THING". TEXTO DE TIAGO SALAZAR.



«*Le hasard c'est le plus grand artiste.*»
Honoré de Balzac

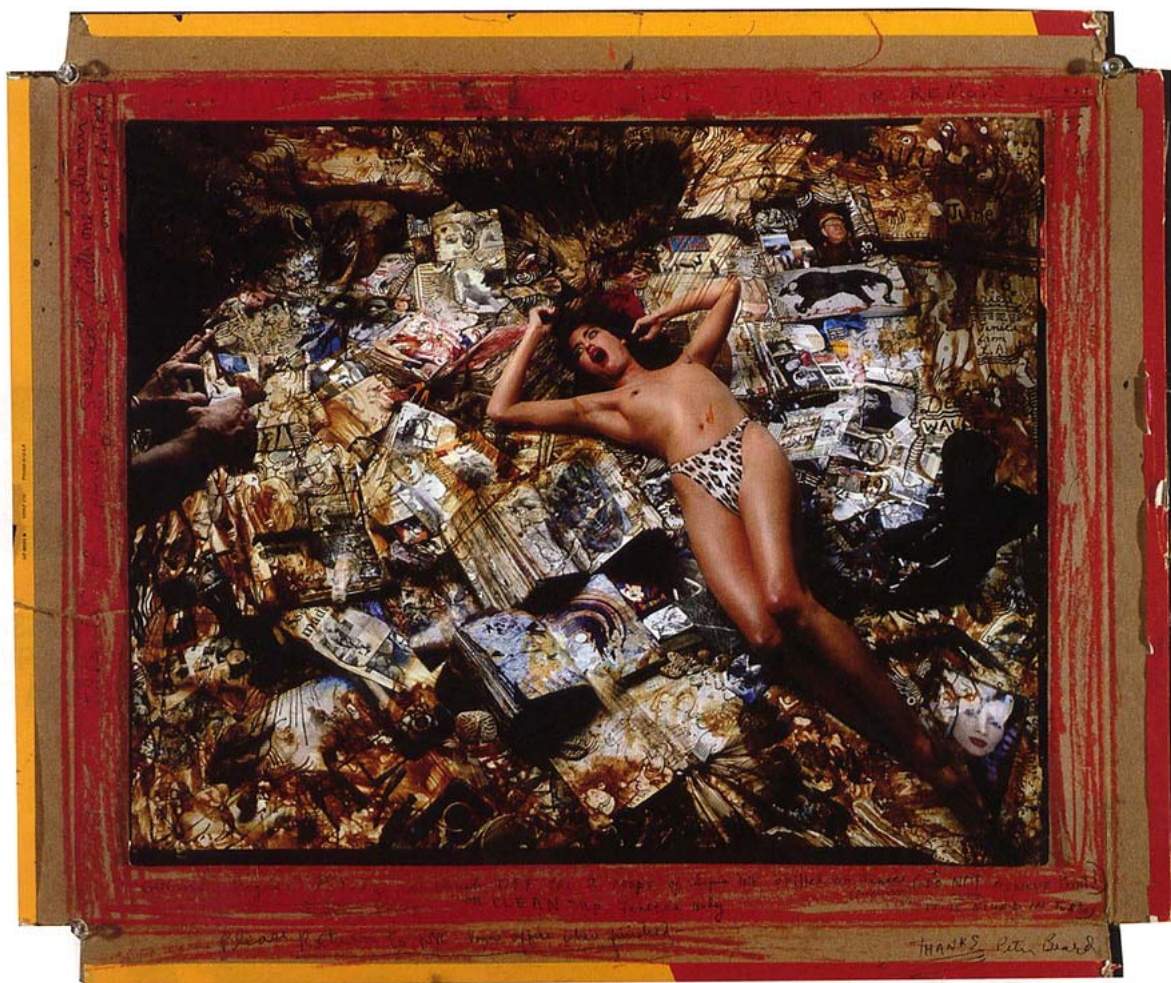
NOS SEUS TEMPOS ÁUREOS, nos anos 60, Peter Beard conseguiu juntar, num corpo esguio de 1,87 m, o *élan* de aviador lunático de Denys Finch-Hatton, o sorriso matador de Raf Valone e a melena *cosy* de Robert Redford em versão *Out of Africa*. Era um aristocrata da savana. Um felino de botas Camel. Um símbolo sexual dos salões parisienses às tabancas do parque Tsavo. E sabia fumar. A figura de menino fi-

no rebelde, muito loiro e bem escanhado, impedia-o, contudo, de chegar aos calcanhares de Corto Maltese, o moreno andarilho cuja personagem insolente gostava de imitar. Do marinheiro maltês nunca largou o sobretudo, o tabaco de enrolar, uma vaga misoginia, a anatomia do vaguear, o sentido do esotérico e o desejo de ser inútil – e chegou mesmo a pensar em tingir o cabelo de negro açor e usar um brinco de mola.

As páginas iniciais do diário de juventude, começado aos onze anos, em 1949, e, hoje, parte da sua gló-

ria, mostram um rapazinho de infância feliz e de família pródiga – o avô era o magnata James J. Hill, um dos grandes industriais da viragem do século XIX para o século XX. “Era um barão do cobre e consta que se equiparava a J. P. Morgan, E. H. Harriman e ao colecionador Frick”, conta Beard, na conversa com o biógrafo Steven M. L. Aronson, que abre o livro *My life is an open book* (ver caixa). James J. Hill fundeu os carris transcontinentais, a Great Northern Railroad, um consórcio que abriu o noroeste americano e, por ironia do des-

tino, se tornaria a principal fonte de créditos para a colonização africana do século XX. A obra do magnata, porém, tornou-o um mito vivo do *american dream* gravado no épico de F. Scott Fitzgerald, quando o pai de Gatsby sabe da morte do filho: «Se ele tivesse tido mais tempo, teria sido um grande homem. Um homem como James J. Hill. Teria ajudado a criar um país.» Ou, como escreveu o poeta Carl Sandburg, em *Caboose Thoughts*: «*I never had supper with Abe Lincoln/Nor a dish of soup with Jim Hill/But I've been around.*»



Beard herda as sobras da fortuna do avô, um *trust* que daria para viver 100 vidas, amealhado com a exploração ferroviária e o patrocínio do neo-colonialismo – Beard negará a sua existência privilegiada como parte desta aragem capitalista. Foi na mansão de família, em St. Paul, no Minnesota, que o adolescente Beard conheceu os Corots, os Rousseaus, os Courbets, os Daumiers e os Delacroix, e escolheu o seu lugar na arte: “Aqueles senhores eram tudo o que não queria ser.” O avô era o maior rival de Frick. Os quadros mais modestos, os Picassos, os Degas, os Monets, os Dalis e os Bacons – estes dois últimos pintar-lhe-iam, mais tarde, o retrato – estavam nas paredes do apartamento de Manhattan, onde passa a infância e a adolescência.

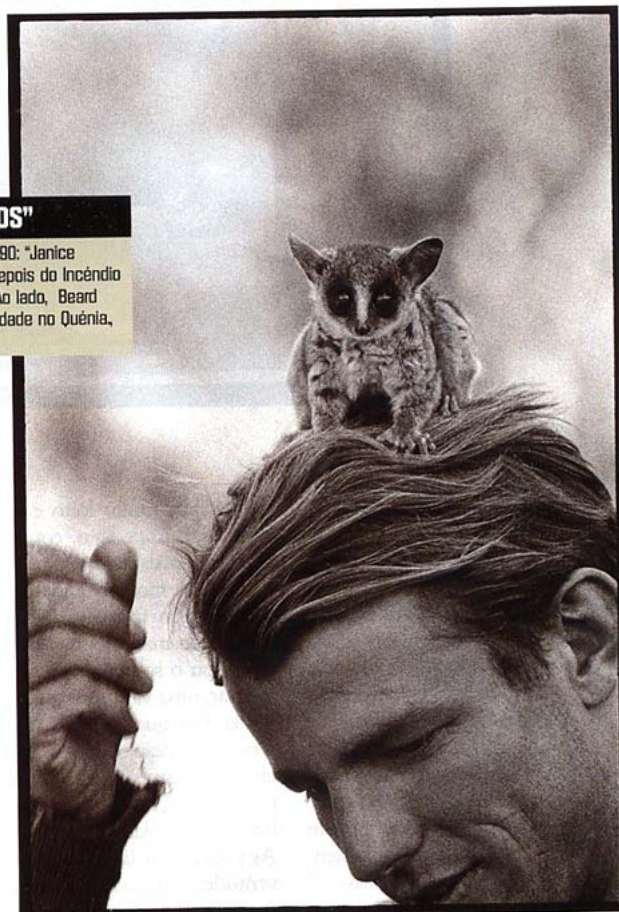
“AQUILO TUDO FASCINAVA-ME, mas preferia estórias de piratas e de canibais”, recorda. E onde entra a genética de Beard nesta saga? Uma das filhas de Hill casaria com o seu avô. Depois da morte deste, desposará Pierre Lorillard, de quem Peter recebe o nome. Viveram numa casa palaciana em Tuxedo Park, em Nova Iorque, um *resort* que o pai de Pierre tinha esculpido a partir

de uma reserva de caça nos anos 80 do século XIX. Por curiosidade, o patriarca fora o inventor do “tuxedo” (o *smoking*), originalmente, apenas um fato de jantar para os clientes do seu Tuxedo Club. “Devo admitir que acho divertido ser parente do inventor da roupa de cerimónia, sendo eu tão desleixado”, dirá Beard nas suas memórias.

A mãe era uma campeã de patinagem, uma mulher de parar o trânsito, o que, literalmente, aconteceu, na 5.^a Avenida, e provocou o maior engarrafamento do século depois da estreia de *Hells Angels*, o *blockbuster* de Howard Hughes. “O momento mais assinalável na história americana depois da chegada de Armstrong e Buzz Aldrin à Lua”, segundo Beard. O pai era corrector na Delafield & Delafield, em Wall Street, e o seu maior feito deu-se no dia 22 de Janeiro de 1938. A primeira fotografia oficial atribuída a Beard data dos 8 anos, um retrato naturalista executado com uma máquina Voigtlander, um tripé e dois assistentes (os primos de 6 e 7 anos). O retratado é um mastim de nome Charcoal de mandi-

PEDRO E OS “LOBOS”

Em cima, Um retrato de 1980: “Janice Deitada sobre os Diários depois do Incêndio na Fábrica, Nova Iorque”. Ao lado, Beard com um galago numa herdade no Quênia, em 1988.





OUT OF AFRICA

Beard foi uma das poucas pessoas de poder falar com Karen Blixen, autora do livro *África Minha*, depois de a baronesa ter se retirado para a sua Dinamarca natal. A foto é de 1982. Em baixo, o fotógrafo com a sua "descoberta", a modelo somali Iman, mais tarde, Sra. David Bowie.

bulas cravadas no pescoço de um ganso – na verdade, assume Beard, o ganso estava estufado e seria o ponto alto da ceia na casa dos Rockefeller, íntimos dos Beards. A foto, emoldurada pelo seu melhor amigo, Michael Rockefeller, ganharia o primeiro prémio num concurso de escola e teria direito a medalhas entregues por Nelson Rockefeller, futuro governador e vice-presidente dos EUA. Os temas favoritos do jovem Peter e do amigo Michael são, por essa altura, os covis de piratas e as tribos canibais, objectos de estudo que levarão Michael à selva da Nova Guiné e onde acabaria tragicamente os seus dias comido por uma comunidade Asmat.

BEARD COLIGE AS PÁGINAS inaugurais do seu famoso diário nos estábulos de um amigo, filho de rancheiros da Carolina do Sul, depois de passar duas semanas a catar crinas, rabos (e pêlos púbicos) de *mustangs*. "Era uma época prodigiosa", diz ao biógrafo. No Natal seguinte, pede ao pai que compre um rancho nas imediações, um pedido satisfeito a 55 milhas de Savannah, em Yemassee, na Carolina do Sul. No rancho, havia um pântano que lhe serviria de laboratório para as primeiras caçadas – pequenos jacarés – e para as experiências pioneiras de taxidermista. Colará, então, no diário, unhas de jacaré, membranas de batráquios, seixos, cascas de árvore, traças, gafanhotos, borboletas, ossos, penas, lama, algas, o seu próprio sangue... – "Tudo o que fosse memorável."

A primeira viagem a África data do Verão de 1955, uma expedição feita a partir das páginas do romance *África Minha*, da dinamarquesa Isak Dinesen (Karen Blixen). Beard viaja acompanhado por um cicerone inglês de nome Quentin Keynes, bisneto de Charles Darwin, e, segundo alguns biógrafos mais livres, de uma guarda prussiana de virgens núbias. Quentin, um antropólogo, entusiasta do cinema documental e da fotografia étnica, será determinante no sucesso da campanha. Partem da África do Sul num camião Unimog da II Guerra com um guia mudo e um recrutamento de modelos aborígenes. Além

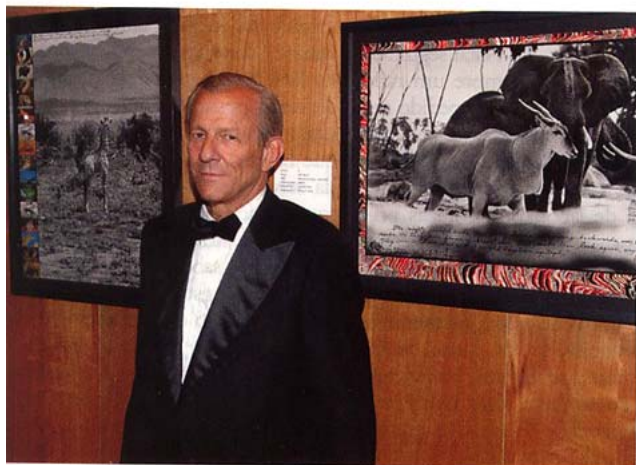
de várias produções de moda experimentais, filma – nos parques de Hluhluwe e Umfolozi – os raros rinocerontes brancos, cujas raspas de corno eram tidas por potentes afrodisíacos. A viagem prossegue, por domínios zulus, até Zululand, de onde apanham um comboio para Bechuanaland (hoje o Botswana), isto depois de atirarem o Unimog por uma ribanceira e apadrinharem o regresso das ninfas em elefante. À chegada ao Parque da Gorongosa, na África oriental portuguesa, o fotógrafo dá de caras com um hipopótamo ferido e quase perde a vida quando tenta tirar-lhe o retrato – "Na verdade, fui salvo por uma família de babuínos e por um tronco de *baobab*."

A viagem culminará em Madagáscar e na edição do seu primeiro livro, *The End of the Game*, um tratado romântico da vida selvagem, com mais de 35 mil elefantes e todos os elementos coloniais do *Out of Africa*, bem como uma abordagem inédita das longas planícies. A savana é, doravante, a Nova Iorque de Beard, uma *passerelle* desmedida, com possantes indígenas desnudas no lugar de gazelas. Parecia que bastava Beard tocar o batoque da selva para as feras saltarem da toca. Se foi ou não o pioneiro no repovoamento da África subsariana – não se sabe o alcance dos feitos de Livingstone ou do nosso Ivens –, o facto é que Beard será o primeiro artista a levar o *glamour* para a savana e o primeiro a trazer indígenas para as metrópoles, não como feras exóticas de feira, mas como rainhas sobas.

OS CADERNOS AFRICANOS de Beard realçam essa espécie de osmose entre bichos e mulheres, e, sem grandes colóquios, depressa convence Alex Liberman, o director editorial da Condé Nast, a lançar os primeiros editoriais com modelos negras – a mais notável, a princesa etíope, Iman, futura mulher de David Bowie. Por sua vez, estrelas como a condessa e modelo Veruschka ou a sua namorada, Dorothea McGowan – uma irlandesa de Brooklyn, com uma cara redonda, sardenta e de olhos glaciais de loba do Ártico, que fez 17 capas da *Vogue* – viajam para

"AS FOTOGRAFIAS MAIS IMPRESSIONANTES SÃO AS DOS ELEFANTES EM DECOMPOSIÇÃO, ONDE OS OSSOS FORMAM MAGNÍFICAS ESCULTURAS." TESTEMUNHO DE FRANCIS BACON, A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS DE PETER BEARD.





AINDA ACTIVO

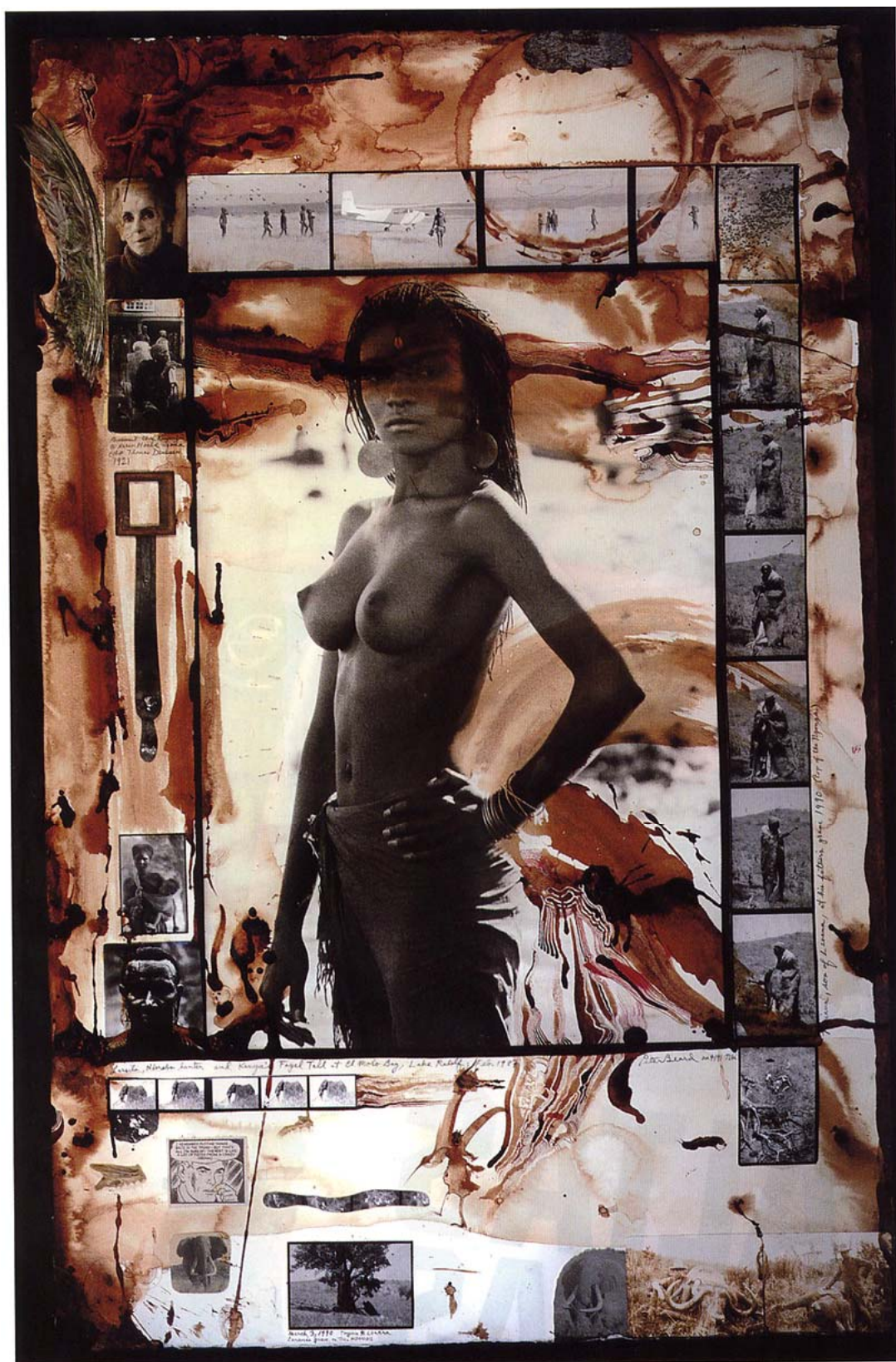
No topo da página, Beard, em 1979, no corte de ténis com a sua mulher da época, a modelo Cheryl Tiegs. Em cima destas linhas, Beard num jantar de gala e leilão dos seus quadros, em Nova Iorque, este ano. À esquerda: Maureen dando uma cela nocturna a uma girafa, no Hog Ranch, no Quênia, 1987.

África e emprestam o corpo às primeiras sessões de moda naturalistas. "Acho que descobri a expressão animais de câmara", diz. É aqui que se instala a polémica Beard: fotógrafo ou director artístico? Richard Avedon terá dito, diante das suas fotografias, "that's a chick thing", ou seja, "isto não passa de cenas de gaja". Dos muitos inimigos que o ajudaram na carreira, o único panegírico comum era o dom de enlouquecer as mulheres... E de deixar os homens roídos. Os famosos diários *kitsch* das jornadas de África eram, para os seus detractores, meras colagens juvenis. Para a História, no entanto, ficarão as páginas da *Vogue* com modelos massai, as *passerelles* de moda étnica improvisadas no Vale do Rift, a taxidermia, os elefantes desossados, que apaixonaram Francis Bacon, a memória gráfica inspirada por Karen Blixen. Ou, então, numa segunda fase, a turma de famosos que o rodeavam, de supermodelos a estrelas do rock, como Mick Jagger, David Bowie, Iman e a sua primeira mulher, Cheryl Tiegs (duas modelos que reclama ter "descoberto"), ou Truman Capote, o aclamado autor de *A Sangue Frio*, com quem faria o livro *It Shall Soon Be Here*, uma reportagem gráfica (nunca edi-

tada) do *tour Exiles on Main Street*, dos Rolling Stones (1972).

O encontro determinante, e a explicação para o seu africanismo, é, no entanto, a visita a Karen Blixen, em Dezembro de 1961, na província de Rungstedlund, na Dinamarca. Deve-o ao primo Jerome, neto do magnata Jerome Hill, segundo Beard, "o último renascentista", um compositor, pintor, fotógrafo e cineasta, que mantinha amizade com celebridades como Albert Schweitzer, Carl Jung e Brigitte Bardot.

ERA UMA MANHÃ DE INVERNO de bater o dente. Beard toca o sino e quem vem recebê-lo é a escrava de *Out of Africa*, a negra cor de ébano Clara Svendsen, que lhe pede para aguardar na entrada minúscula, pois a Baronesa desceria logo de seguida. Não há sequer uma cadeira. Beard detém-se numa placa na parede onde, escrita em letra gótica, se lê a seguinte frase: «Aqui viveu o poeta Ewald, no final do século XVIII.» Pensa então: "E aqui vive Isak Dinesen, ou Mrs. Blixen, ou a Baronesa, a autora do maior romance sobre a África negra do século XX." O tempo passa e a Baronesa não aparece. Beard ajeita a gola do sobretudo, dá



A BELEZA DA NATUREZA

Durante toda a sua carreira, o fotógrafo tem mantido uma ligação estreita com o Quênia e com as belezas da Natureza. Aqui um retrato de 1987, mostrando Fayel Tall nas margens do Lago Rodolfo.

bafos na máquina fotográfica, um: Exakta, com uma lente de 150 mm que trouxe para registar aquele que será o derradeiro retrato de Blixen. Enquanto foca a parede, apercebe-se de um pequeno orifício, um velho buraco daqueles usados para espionar os intrusos e seleccionar as visitas. Mr. Beard decide espreitar e que vê? Para seu espanto, do outro lado da parede, a um braço ou menos de distância, está uma pupila dilatada da honorável Baronessa. O dia é passado a comer faisão e não apenas ostras e uvas, como sugeria a lenda -, a divagar pelo despojos daquela que fora a mais famosa quinta de África. Lá está a máquina de escrever, os artefactos massai da colecção de Thomas, o irmão de Isak, o colar ocre, a tartaruga, oferecido por um guerreiro quicuio. Quando parte, Clar Svendsen dir-lhe-á ao ouvido: "Considere-se um homem de sorte. Nunca entrou aqui ninguém para ouvir as memórias dos dias passados em África. São demasiado brutais para a Baronessa. Acho que enquanto espreitava pelo buraco da parede, o senhor lhe fez lembrar a guém, o bwana Denys Finch-Hatton. Sabe, o seu grande amor." ☺☺

A VIDA QUE DEU UM LIVRO

A força criativa de Peter Beard são os seus diários, que começou a compilar em 1949 e os quais foram recentemente editados pela Taschen numa luxuosa edição, numa versão restrita de 2.500 exemplares. Nestas páginas, o artista documenta a sua história pessoal: África, Karen Blixen

(aqui, a ordem é arbitrária, pois ambas se confundem), a cena artística de Nova Iorque, o mundo da moda, Hollywood e a administração Kennedy. Duzentas páginas compostas de fotografias de mulheres, transcrições de mensagens telefónicas, margens e

tinta-da-china, recortes de jornais, folhas secas, insectos, velhas fotografias a sépia, desenhos de animais e pessoas feitos por artistas quicuio, citações de Joseph Conrad, achados das viagens, retratos de carcaças de elefantes e, por vezes, o próprio sangue de Beard.



Peter Beard, edição Art, da Taschen. € 1.500. www.taschen.com